



**ENTRE AS CINZAS DO NEOLIBERALISMO E DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO:  
DESAFIOS SOCIOLÓGICOS**

**BETWEEN THE ASHES OF NEOLIBERALISM AND TEACHING IN HIGH  
SCHOOL: SOCIOLOGICAL CHALLENGES**

**ENTRE LAS CENIZAS DEL NEOLIBERALISMO Y LA ENSEÑANZA  
SECUNDARIA: DESAFÍOS SOCIOLÓGICOS**



10.56238/bocav25n74-007

**Rosimeri Aquino da Silva**

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: rosimeriaquinodasilva@gmail.com

**Lúcia Schneider Hardt**

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: lucia.s.hardt@ufsc.br

**Jennifer Simpson dos Santos**

Doutora em Sociologia

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: simpson.jennifer@gmail.com

---

**RESUMO**

Neoliberalismo, comunidade e violência são noções que se encontram, em grande medida, articuladas. Elas estão profundamente relacionadas nos debates em torno dos problemas sociais, objetos centrais do conhecimento sociológico. O artigo propõe o uso da ficção de Octavia E. Butler, A parábola do semeador, como um recurso de grande valia para um trabalho crítico e reflexivo bem como a obra de Nietzsche - Genealogia da moral, como chave hermenêutica para colocar sob suspeita valores já estabelecidos nas instituições, nas religiões, nos fatos, nas normas, nas noções hegemônicas de verdade. Defendemos determinada movimentação e disposição para um possível enfrentamento às certezas até então constituídas, inclusive no campo científico para análise dos valores e para o estudo das problemáticas sociais hodiernas como prioridade para a formação a considerar o ensino médio destacando a importância das ciências humanas.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo. Ensino Médio. Sociologia. Genealogia.

**ABSTRACT**

Neoliberalism, community and violence are notions that are, to a large extent, interlinked. They are deeply related in the debates surrounding social problems, central objects of sociological knowledge. This article proposes the use of Octavia E. Butler's fiction, The Parable of the Sower, as a highly valuable resource for critical and reflective work, along with Nietzsche's work - Genealogy of Morals,

as a hermeneutic key to question values established in institutions, in religions, in facts, in norms and in hegemonic notions of truth. We argue for an interrogation of the certainties established until now, including in the scientific field for the analysis of values and for the study of today's social problems. We consider this a priority for training in secondary education, highlighting the importance of the social sciences.

**Keywords:** Neoliberalism. High School. Sociology. Genealogy.

## **RESUMEN**

Neoliberalismo, comunidade y violencia son conceptos que se encuentran, em gran medida, interconectados. Están profundamente relacionados em los debates sobre los problemas sociales, objetos centrales del conocimiento sociológico. Este artículo propone el uso de la ficción de Octavia E. Butler, La parábola del sembrador, así como la obra de Nietzsche, Genealogía de la moral, como gran recurso para un trabajo crítico y reflexivo y herramienta hermenéutica para cuestionar valores ya establecidos em las instituciones, religiones, hechos, normas y em nociones hegemónicas de la verdad. Defendemos un posible interrogación de las certidumbres hasta ahora, incluso em el campo científico para el análisis de los valores y para el estudio de los problemas sociales actuales. Consideramos esto como prioridad para la formación em la docencia de escuela secundaria, destacando la importancia de las ciencias humanas.

**Palabras clave:** Neoliberalismo. Escuela Secundaria. Sociología. Genealogía.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da obra *Genealogia da moral*, de Nietzsche (2020), possibilitou a nossa aproximação com um pensamento corrosivo. Ele nos provoca, sobremaneira, para a subversão das formas tradicionais de pensar, quando, de início, são colocadas sob suspeita noções de bom e de mau, de bom e de ruim, para questionar os valores morais balizadores das relações em sociedade. Noções essas, em certa medida, consensualizadas nas perspectivas teóricas sobre as quais nos apoiamos. Muito embora persistam críticas direcionadas a apropriações indevidas, por serem dualizadas, dogmatizadas, como, por exemplo, de argumentos freireanos, marxistas, e especialmente de tradição positivista, não é incomum categorizarmos, atribuímos juízos de valor, dividirmos e avaliarmos o mundo social, assim como as relações que o constituem, utilizando noções de certo e de errado, bom e mau. A partir da leitura de Nietzsche, na nossa compreensão, somos convidadas a colocar sob suspeita valores já estabelecidos nas instituições, nas religiões, nos fatos, nas normas, nas noções hegemônicas de verdade. Ao pensamento é exigida determinada movimentação e determinada disposição para um possível enfrentamento às certezas até então constituídas, inclusive no campo científico.

Nietzsche é de fato um pensador “radical” no sentido de estar disposto a cirurgicamente investigar o seu tempo e a decadência em andamento. Ele é, ainda, um moderno, mas apesar disso consegue livrar-se do otimismo próprio desse tempo e afirmar-se como um destruidor de ídolos. Seu pensamento é desconcertante, uma vez que ao derrubar ídolos da modernidade parece colocar-se em oposição a muitos valores que consideramos conquistas do Ocidente como afirma Matteo (2010, p. 118), por exemplo: democracia, igualitarismo, solidariedade, compaixão, direitos humanos etc. Na verdade, conforme afirma Saar, “Nietzsche partilha com Tocqueville, Stirner, Kierkegaard e Marx um profundo ceticismo em relação a imagens simplistas de transformação social orientadas para o bem” (2021, p. 33). A ideia de melhoria social definida como um projeto simples é recusado radicalmente por Nietzsche e de forma muito singular que inclusive vai diferenciá-lo dos demais pensadores.

Matteo interpreta as críticas nietzschianas da modernidade a partir da *Genealogia da moral* e afirma: “penso que não seja impecado se utilizar da chave psicológica e clínica para articular as críticas dirigidas à modernidade com o diagnóstico e prognóstico das patologias próprias do homem moderno” (2010, p. 120).

Matteo nos convida a pensar **com** Nietzsche, **contra** ele e, se possível, **para além** dele. Ler a obra *Genealogia da moral* exige uma lentidão, avessa ao homem moderno, sempre apressado. Nietzsche apresenta-se como um médico da cultura e estende essa crítica a uma longa duração, praticamente avaliando mais de dois mil anos. Uma cultura que fez adoecer, criando a culpa, o ressentimento e ideais avessos à própria vida. Os modernos, mesmo supostamente otimistas, por vezes são mais doentes que os antigos, percebe-se um agravamento de muitas patologias e o filósofo dedica-se a descrevê-las e analisá-las. Na obra *Genealogia da moral* Nietzsche afirma: “os doentes são o maior

perigo para a humanidade, não os maus, não os “animais de rapina” (2009, p. 118). Estes, os enfermos, olham para a vida sem força, envenenam sua potência, mas ao mesmo tempo querem representar a justiça, o amor, a prudência e vivem entre nós “como queixas vivas, como advertência a nós mesmos, como se a saúde, a robustez, a força e a valentia fossem vícios que devêssemos expiar amargamente” (Nietzsche, 2009, p. 118).

Assim, ler Nietzsche como crítico exige tempo para entender o que ele quer expressar ao falar dos enfermos, dos doentes, dos ressentidos que ainda assim desejam apontar um tipo de sociedade. Para o filósofo, nesses homens existe rancor, sede de vingança, contestação de qualquer felicidade enquanto existir misérias. Mas indaga Nietzsche: seria justo duvidar do direito à felicidade? Os decadentes e doentes abrigam-se em líderes do mesmo tipo, afinal, dominar os que sofrem produz uma confiança dos doentes e passa a ser para eles um “escudo, um mestre, um tirano, um deus. Tem que defender o seu rebanho - contra quem?” (2009, p. 121). A luta é contra os sãos, pois ali tem força, potência, e o ofício do sacerdote é domesticar, para Nietzsche, fazer adoecer. Se existe mal-estar, alguém é culpado, que para os degenerados a causa é a potência dos sãos!

Compreender Nietzsche nessa direção nos afasta de julgamentos morais de seus argumentos, ele está colocando em questão que a modernidade segue cultivando os fracos com a intenção de dominá-los e para isso precisa enfrentar os sãos, criar culpas, produzir o bem e mal. O que fica evidente para o filósofo é que existe um menosprezo do mundo e da vida real em troca de uma esperança por um mundo melhor, mesmo que sem previsão nenhuma dessa possibilidade. Nasce um desgosto de si mesmo e uma aposta plena na ideia de coletividade. Cultiva-se uma moralização generalizada para produzir um mundo outro, “toda a cultura europeia está infectada de um certo tipo de religião, arte, direito, ciência, filosofia, política, mundo do trabalho, literatura que conduz a um apequenamento e nivelamento do homem europeu” (Matteo, 2010, p. 127).

Segundo Saar (2021), Nietzsche resiste e ataca os discursos de transformação e de progresso:

Da perspectiva de Nietzsche, portanto, as quatro imagens tradicionais de melhoria social têm um problema com o indivíduo, assim como têm, também, um problema com o objetivo da transformação. Em outras palavras, elas não são nem boas explicações e nem bons modelos de mudança: o primeiro programa de transformação (formativo) é ingênuo, o segundo (esclarecimento) é irrealista, o terceiro (revolução) é autoritário, e o quarto (insurreição) é sem direção. O quadro clássico de propostas filosófico-políticas está assim esgotado. Nietzsche poderia então ser compreendido como um pensador que abandona o próprio programa de transformação e procura outros princípios e conceitos orientadores. No entanto, como sugerido aqui, também se pode compreendê-lo como alguém que não desistiu do movimento de busca, mas que anseia por uma transformação nova e diferente. (Saar, 2021, p. 42).

Nesse cenário continua sendo possível “pensar com Nietzsche”, pois parece ter razão quando afirma que “as instituições e as práticas modernas criaram indivíduos desprovidos de liberdade, fracos e infelizes” (2021, p. 43), e a potência de seu pensamento reside em sua crítica a este panorama exigindo de forma prioritária a crítica de si mesmo. Assim:

Que o si mesmo modificado, o sujeito que mudou a si mesmo, seja o objetivo deste programa de transformação significa apenas que ele não pode ser nenhum outro (ou mais ninguém). A “sociedade” – talvez malquista por Nietzsche como uma abstração perigosa – não pode ser modificada de forma simples e absoluta, pois ela consiste nos corpos, espíritos, movimentos e comunicações dos seus componentes, e estes são, antes de qualquer coisa, indivíduos em constante interação uns com os outros e em contínua interação com os seus ambientes físico e espiritual não humanos. São sujeitos determinados em formas determinadas que constituem a sociedade e que produzem constantemente a sociedade. A transformação deles é transformação social, esta mudança visa a eles, e ela só pode ser mudança dos sujeitos em si mesmos, mudança de si mesmo. (Saar, 2021, p. 45-46).

## **2 ANÁLISE DE UM PROJETO: DOCÊNCIA E CONHECIMENTO SOCIOLÓGICO**

Assim, e levando em consideração os argumentos e críticas de Nietzsche, somos convidados a retomar a compreensão de temas pertinentes ao nosso projeto de pesquisa<sup>1</sup>, cujo recorte, na presente escrita, consiste em analisar o livro *A parábola do semeador*, de Octavia E. Butler (2018), procurando ressaltar aspectos presentes nessa ficção adequados para a compreensão de questões sociais contemporâneas, tais como violência, neoliberalismo e comunidade, e analisar como seria uma proposta de transformação dessa condição.

A relação com a educação, com temas pedagógicos vinculados a ela, decorre da assertiva de que o estudo de problemáticas sociais hodiernas é objeto fundamental das ciências humanas. As ciências sociais, especialmente a disciplina de sociologia, voltada para o ensino médio, têm se dedicado a reflexões em torno de questões pertinentes, por exemplo, à violência, ao meio ambiente, ao contexto econômico, social e político, às relações sociais<sup>2</sup>, às relações de gênero entre outras. Nesse âmbito, conteúdos curriculares relativos à organização das instituições, do sistema econômico e dos dilemas decorrentes das relações entre as pessoas, estabelecidos em diferentes esferas do social, têm sido objeto de preocupação de professores atuantes nessa modalidade de ensino, sobretudo no que diz respeito à forma de abordagem desses conteúdos.

Neoliberalismo, comunidade e violência são noções que se encontram, em grande medida, articuladas. Elas estão profundamente relacionadas nos debates em torno dos problemas sociais, objetos centrais do conhecimento sociológico, e o trabalho, a interpretação sobre os seus significados, podem ser considerados de difícil tratamento no contorno da disciplina, visto não só a complexidade que os constitui, mas, também, no que concerne aos aspectos metodológicos. Não é incomum, de acordo com relatos de professores<sup>3</sup>, que ocorram queixas feitas pelos alunos sobre o excesso de teorizações, sobre leituras e conteúdos propostos pela disciplina, à primeira vista, distanciados da realidade de todos.

<sup>1</sup> Projeto: “Comunidade, Cidadania e Imaginação Política”, cadastrado no Grupo de Pesquisa no CNPq: Território, discurso e identidade e na Linha de pesquisa: Psicossociais, da referida universidade.

<sup>2</sup> A referência ao ensino de sociologia no ensino médio decorre de nossa experiência na formação de professores para essa modalidade de ensino, assim como nossa atuação em cursos de qualificação, extensão e pós-graduação no campo humanístico.

<sup>3</sup> Nos referimos a falas extraídas de relatórios de Estágio de Docência, produzidos por alunos da Licenciatura em Ciências Sociais/ UFRGS, onde ministramos aulas nos últimos 10 anos.



A literatura, o cinema, a música têm sido grandes aliados dos professores para a abordagem dos conteúdos sociológicos, suas formas de expressão podem ser bastante atraentes para as novas gerações de alunos neles socializados. Determinadas sensibilidades podem ser, por assim dizer, acionadas para além de um conhecimento pretensamente técnico, racional, informativo. Dessa forma, sugerimos que o uso da ficção de Octavia E. Butler, *A parábola do semeador*, pode ser de grande valia para um trabalho crítico e reflexivo na disciplina de sociologia, no que tange aos debates em torno das problemáticas supracitadas. Procuramos contar essa ficção, cotejando-a com alguns argumentos do campo humanístico dedicados a essas noções e, conjuntamente, são propostas formas de abordagem para o ensino de sociologia, assim como para outros ensinamentos voltados para os conhecimentos das ciências humanas. Argumentos de Nietzsche, presentes na *Genealogia da moral* também são trazidos, com vistas a “martelar” compreensões alcançadas rapidamente na primeira aproximação que tivemos com a ficção de Octavia E. Butler. Assim, estamos dispostos a pensar com o filósofo, ainda que também contra ele e para além dele, como sugerido por Matteo.

### **3 VIOLÊNCIA, NEOLIBERALISMO E A FICÇÃO**

A ficção *A parábola do semeador*, de Octavia E. Butler, ocorre de 2024 a 2027 em um Estados Unidos da América apocalíptico, onde impera a violência, a desigualdade, a deterioração do meio ambiente e das relações sociais. Ela é contada por Lauren Olamina, uma jovem mulher negra que vive com sua família formada pelo pai, madrasta e irmãos, num bairro murado. Trata-se de uma pequena comunidade onde vivem diversas pessoas: negras, latinas, brancas e orientais. Todos são pobres, e eles mesmos realizam a segurança do bairro. As crianças são ensinadas desde cedo a atirar, pois os serviços de segurança prestados pelo governo são cobrados, assim como o trabalho dos bombeiros e dos profissionais da saúde.

O bairro da narradora Olamina é um dos poucos que ainda restam, a maioria das pessoas desse país em ruínas vive nas ruas, expostas a todo tipo de brutalidade, as pessoas habituaram-se a agir com violência umas com as outras, os estupros, os roubos, os assassinatos são comuns. Incêndios são constantes, a água é comprada e rara, os empregos são poucos e precários. Aqui, nos é apresentada uma alegoria de comunidade, marcada pelo medo e pela insegurança. Nela, a violência está na ordem do dia, no cotidiano e as noções de bom e mau, bom e ruim poderiam, por assim dizer, reinterpretadas, adequadas a essas circunstâncias, à medida que se trataria de um contexto de exceção se consideramos que esse tipo de violência não é frequente para a maioria das comunidades.

Poderíamos problematizar esta última afirmativa a partir de questionamentos sobre tipos de violência que seriam comuns a determinadas comunidades e não a outras, no espaço e no tempo que denominamos como próprios do mundo real. E se, de fato, a violência, lida nesse livro, não se aproxima do dia a dia de muitos, entre outros aspectos relativos à grande empiria própria desse fenômeno social.

De forma desafiadora, também poderíamos questionar: como pensar as noções de bom e mau num contexto apocalíptico como esse que se desenha na ficção de Octavia E. Butler? Essas palavras podem suscitar compreensões diferenciadas, conforme a perspectiva que nos amparamos para avaliar a vida social?

Uma objeção à problemática apontada seria, talvez, a compreensão de que os argumentos trazidos por Nietzsche não se refiram a um entendimento completo, sedimentado, sobre as noções de bom e mau; com ele (2020, p. 44-45) aprendemos:

Os dois valores opostos, “bom e mau”, “bom e malvado” travaram durante milhares de anos um combate terrível e embora seguramente o segundo valor seja há muito tempo preponderante, não faltam ainda hoje áreas onde o combate continua indefinido. (...) O símbolo desse combate, traçado em caracteres legíveis no decorrer de toda a história da humanidade até hoje, é o seguinte: “Roma contra a Judeia, a Judeia contra Roma”. (...) Os romanos eram de fato os fortes e os nobres, mais que todos os povos da terra (...). Os judeus, pelo contrário, eram por excelência o povo sacerdotal do ressentimento, dotado de uma genialidade ímpar em matéria de moral popular.

As análises de Nietzsche abarcariam determinado tempo histórico, em que foi possível detectar uma distinção entre as moralidades de senhores e as moralidades dos escravos. Ele procurou pelas origens e encontrou determinadas condições, onde lideranças religiosas passaram a considerar a si próprias como boas, visto o ressentimento que sentiam frente às características de superioridade, autoconfiança e orgulho, próprias dos nobres. Na leitura de Maudemarie Clark (2017, p. 8) ocorreu, de acordo com a genealogia nietzschiana, ao longo do tempo, uma revolta escrava nascida desse ressentimento dos religiosos, da inveja que sentiam dos nobres. Como resultado, humildade, mansidão, impotências e beatitudes transformaram-se em virtudes.

A compreensão que temos dessas leituras é a de que valores, moralidades, definições sobre o bem e o mal são contingentes, são resultantes de construções sociais como essas analisadas pelo filósofo. Eles podem surgir em determinadas conformações históricas, desaparecer, ressurgir de outras formas, ou mesmo sofrer inversões. Nesse âmbito de entendimento, valores não podem ser reduzidos a essencialidades ou a uma única verdade incontestável. Na ficção que procuramos analisar há uma grande dificuldade em ler suas personagens como essencialmente boas ou essencialmente más. As circunstâncias, o caos que se instala coloca em xeque, por assim dizer, entendimentos hegemônicos, presentes na cultura de massa, sobre quem seriam os heróis (as pessoas boas e corajosas) e os bandidos (as pessoas más e covardes).

Olamina trabalha numa escola da comunidade alfabetizando crianças, trata-se de uma jovem singular: ela é curiosa, obstinada, corajosa, questionadora, audaciosa e inteligente, o que remete a protagonistas heroínas das produções cinematográficas, das séries e dos contos de ficção científica. Excepcionalmente, nessa história, essa personagem principal é uma menina negra, visto a histórica ausência e mesmo o apagamento dessas pessoas na maioria das ficções. Ela lê sobre plantas, sobre

astronomia, estuda mapas e tem uma mochila com itens indispensáveis para uma possível fuga, pois desconfia que a segurança e a forma de vida das pessoas do seu bairro são extremamente frágeis. Ela sofre da síndrome de hiperempatia, uma doença da época, denominada pelos médicos de “síndrome orgânica ilusória” que a faz sentir a dor e o prazer das pessoas próximas. Nas suas incursões fora dos muros da comunidade, era comum deparar-se com pessoas desabrigadas que viviam nas ruas, malnutridas, doentes, drogadas, bêbadas, feridas. Olamina tentava não olhar para aquelas pessoas, pois a síndrome fazia com que ela absorvesse parte dos sofrimentos delas.

Olamina auxilia o pai, que é um pastor batista, nos cultos do bairro, embora não acredite no Deus que ali é adorado. É notável o questionamento crítico que Olamina faz aos pressupostos religiosos presentes, de diferentes maneiras, na sua comunidade, ela os enxerga como fantasiosos, nocivos e distantes da realidade que ela faz parte e observa. Onze famílias viviam nessa comunidade. Os adultos, na sua grande maioria, acreditavam que os bons tempos iriam voltar. Batismos, cultos eram realizados, o treinamento para o uso de armas, inclusive realizado pelas crianças, lhes davam uma sensação de segurança dentro de seus muros, apesar dos perigos que os cercavam. Diz ela:

Tenho pensado muito em Deus ultimamente. Tenho prestado atenção no que as outras pessoas acreditam – se acreditam, e nesse caso, no tipo de Deus que acreditam. (...) Deus é só o modo que os adultos têm de tentar nos assustar para fazermos o que querem. Muitas pessoas parecem acreditar em um Deus-paizão, em Deus-tira-durão ou um Deus-rei-supremo. (...) Algumas pessoas dizem que Deus é um espírito, uma força, uma realidade maior. (...) Existe um Deus? Se existe, ele (ela, isso) se importa conosco? (Butler, 2018, p. 25-26).

Nos Estados Unidos dessa ficção ainda existem políticos, eles prometem trazer a ordem, a riqueza e a glória da nação nos moldes do passado. Um deles foi eleito, sua promessa é de, logo após sua posse, dismantelar programas dispendiosos e inúteis e fazer com que as pessoas voltem a ter trabalho, a partir da alteração das leis trabalhistas restritivas como a exigência de salário-mínimo, assim como modificações em leis de proteção ao meio ambiente.

Tornados, terremotos e geadas são comuns, pois ocorreram alterações significativas no clima em decorrência da destruição do meio ambiente. Doenças como a cólera e o sarampo matam as pessoas pobres que não têm como pagar por vacinas, muitos são os desempregados, analfabetos, famintos e desabrigados. O caos, a violência e a miséria estão cada vez mais próximos da comunidade de Olamina. Ladrões arrancam frutas dos seus pomares e pisoteiam o restante das plantações, os moradores do bairro formam guardas regulares. Há uma droga disseminada na população externa à comunidade que faz com que seus usuários causem incêndios. Uma senhora, moradora do bairro, foi assaltada e estuprada dentro de casa, apesar das armas, dos cuidados com a segurança e dos muros do bairro. Muitos tiros são ouvidos, rajadas e estampidos, durante o dia e a noite, uma criança foi morta com um tiro que veio de fora do portão. Algumas pessoas vivem nas calçadas próximas ao bairro, isso é ilegal, os policiais as atacam, roubam o que elas têm de valor, deixando-as mais miseráveis e enfurecidas.



Olamina sente que é só uma questão de tempo para sua comunidade ser destruída e se prepara para a mudança, organizando um pequeno pacote de sobrevivência, um kit de fuga composto por uma machadinha, painéis pequenos de metal, um cantil antigo e uma garrafa de plástico, palitos de fósforo, uma muda de roupas, sapatos, faixas para curativos, farinha, frutas secas entre outros itens. Ela diz: “Guardei tudo isso dentro de duas fronhas velhas, uma dentro da outra para reforçar. Enrolei as fronhas dentro de um saco de cobertor e amarrei com uma das cordas de varal para poder pegá-la e sair correndo sem perder nada (...)” (Butler, 2018, p. 104). A menina também lê livros antigos sobre emergências médicas, kits para terremotos, plantas nativas, cultivo, construções de madeira etc.

Entretanto, ao expor suas preocupações de que todos deveriam estar preparados para o enfrentamento das situações perigosas que iriam se tornar de maior proporção, foi repreendida por seu pai que a acusou de deixar as pessoas em pânico. Compreende-se, na passagem acima, a distinção dessa personagem das outras pessoas de sua comunidade no que se refere às suas ações e valores. Brandão (2018) auxilia nessa compreensão ao apontar que o objetivo central da *Genealogia da moral* consiste em avaliar o valor dos valores morais. A vida, entendida como vontade de potência, é escolhida por Nietzsche como critério para uma crítica dos valores morais, à medida que ele questiona se tais valores obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem. Se indicam miséria, empobrecimento, degeneração da vida. Se revelam, por outra via, plenitude, coragem, força, vontade da vida etc.

Olamina opunha-se às crenças da maioria dos moradores de sua comunidade de que os bons tempos iriam voltar, de que bastava ter fé e de que todos deveriam permanecer passivos, mansos e submissos, vivendo suas vidas de forma cotidiana e normal. Em termos nietzschianos poderíamos pensar essas pessoas como dotadas de um tipo de moralidade escrava, suas vidas, nesse contexto, eram deterioradas, entretanto, pareciam acreditar que:

(...) só os miseráveis são bons, os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons, e ainda aqueles que sofrem, os necessitados, os enfermos, os doentes, os feios são também os únicos seres piedosos, os únicos abençoados por Deus, só para eles existe a bem-aventurança (...). (Nietzsche, 2020, p. 29).

Olamina, por seu turno, não se vê como alguém sofredora, humilde e destruída frente a um Deus todo-poderoso e diz que “(...) Deus existe para ser moldado, e que assim o será, com ou sem nosso planejamento, com ou sem a nossa intenção” (Butler, 2018, p. 38). Ela vê as mudanças como inevitáveis, acredita que é necessário lutar e estar preparada para isso sem ilusões de permanência. Denomina seu sistema de crenças de Semente da Terra, ao observar que as plantas espalham suas sementes através dos ventos, das águas, dos animais, elas viajam, não ficam paradas aguardando a extinção. Nas suas palavras: “Eu sou Semente da Terra. Qualquer pessoa pode ser. Um dia, acho que

seremos muitos. E acho que teremos que espalhar nossas sementes cada vez mais longe desse lugar moribundo” (Butler, 2018, p. 101).

Compreendemos que os valores de Olamina assemelham-se ao que Nietzsche denomina de valores dos nobres, dos guerreiros, dos fortes, dos líderes, daquelas pessoas dotadas de uma força ativa e de coragem frente aos desafios reais da vida. Esses são valores que nascem “(...) de uma triunfante afirmação de si mesma” (Nietzsche, 2020, p. 32). Embora esse autor identifique como homens nobres heróis homéricos, aristocratas guerreiros romanos, germânicos, japoneses, vikings escandinavos, como esclarece Brandão (2018), e a heroína da ficção analisada seja uma menina negra, em diversas passagens do livro verificamos a postura guerreira, criativa e corajosa dessa menina. Somente os homens são fortes, lutadores e conquistadores? A partir desse questionamento, entendemos que a análise dessa personagem, junto a alunos do ensino médio, em discussões relativas ao conceito de gênero, por exemplo, poderia ser de grande valia nas aulas de ciências humanas. Assim como questionamentos sobre a misoginia de Nietzsche e de outros pensadores ocidentais: tal postura invalida suas contribuições para o conhecimento de problemáticas contemporâneas?

O diagnóstico de Olamina sobre seu lugar é em grande parte sombrio, mas também promove algumas aberturas e expectativas ainda que não em curto prazo. Qual seria a estratégia de Nietzsche para enfrentar esse diagnóstico apontado por Olamina? Proteger-se dos doentes, garantir uma espécie de “abstinência dos ideais ascéticos” (Matteo, 2010, p. 132), evitar uma moralidade desligada da vida. Nesse ponto talvez seja necessário também pensar contra Nietzsche, ou seja, criando intervenções em nosso tempo, diferente do tempo do filósofo, sem deixar de problematizar qualquer domesticação e otimismo pronto para nos capturar. Em nosso tempo as estratégias estão ainda mais sofisticadas e, por vezes, onde imaginamos estar protegidos acabamos capturados por armadilhas que nos convertem em espíritos cativos. Olamina não se encaixa nessa categoria, é um espírito livre, não se vê, como já apontamos acima, como alguém sofredora, humilde e destruída, ela vê mudanças como inevitáveis, sabe que precisa lutar sem ilusões de encontrar um paraíso.

Nesse ponto voltamos a Nietzsche para compreender que nele também existe uma vontade de mudança; contudo, o modelo do filósofo é “dirigido contra o essencialismo das visões humanistas que acreditam que a meta já está predeterminada, e contra o esquecimento do sujeito ou do si mesmo comum a projetos políticos que querem implementar um programa ou agenda supostamente objetiva e razoável” (Saar, 2021, p. 47). Vale destacar que esta não é uma proposta individualista, já que toda individualidade é relacional e também um cuidado de si mesmo em meio ao cenário de conexões entre humanos.

Algumas cidades nessa distopia de Octavia E. Butler são privatizadas. As terras, outrora públicas, tornaram-se propriedades de grandes empresas. Elas dominam a agricultura e a água, a energia solar e eólica, grandes terrenos são comprados por preços aquém de seus valores. Muitos

jovens estão desempregados, leis trabalhistas inexistem. As pessoas aceitam trabalhar por salários menores em troca de alimentos e moradia, independente de suas formações: enfermeiros, professores, profissionais de diversas áreas (inclusive doutores). Os salários são insuficientes para a sobrevivência, os funcionários tornam-se devedores das empresas, assim são explorados num tipo de escravidão relacionada às dívidas.

É possível pensar que *A parábola do semeador* figura uma espécie de neoliberalismo no limite, seria algo quase caricatural (ao recorrer-se ao otimismo), um exagero interpretativo das condições de vida da atualidade, ou mesmo do que elas poderiam se tornar, na comparação com o dito “mundo real”. Contudo, desde o início dos anos 2000, destacam-se pesquisas, em grande medida oriundas do campo sociológico, que apontam a precarização das condições de vida de parte significativa da população mundial. O estudo de Gustavo Busso (2001) aborda essas condições. Ao discorrer sobre vulnerabilidade social na América Latina, o autor define que a insegurança e a incerteza sobre o futuro são sensações que acometiam muitas pessoas, elas seriam alguns dos efeitos das modificações das condições de vida, do acesso aos empregos, à moradia, ao consumo, aos serviços. Muitos estariam sofrendo impactos de conjunturas econômicas voláteis, dos empregos precários e do aumento da informalização do trabalho, soma-se a eles, o gradual afastamento dos Estados na prestação de serviços relativos à saúde, segurança e educação (Busso, 2001, p. 3).

No estudo *As ruínas do neoliberalismo*, de Wendy Brown (2019), encontramos, por outro viés analítico, a tese de que a fase atual do neoliberalismo levou à ascensão da política antidemocrática a partir do dismantelamento da sociedade civil e da intensificação do neoconservadorismo, cujo propósito seria reconfigurar a nação como família e em empresa privada. Essas ruínas são materializadas numa moral ressentida e em práticas niilistas. Há um contexto fértil para o ressentimento, um sentimento presente no comportamento de homens incapazes de lidar com suas próprias fraquezas, fundamental na filosofia nietzschiana para o entendimento dos valores que ressoam até os nossos dias.

Benedetto Vecchi, na introdução do livro *Identidade*, de Zygmunt Bauman (2005, p. 8, 11), faz referência aos estudos de Bauman, especialmente às mudanças sociais, radicais e irreversíveis por ele apontadas, mudanças que vêm acontecendo na contemporaneidade. Trata-se de uma “grande transformação” que vem afetando estruturas estatais, condições de trabalho, relações entre os Estados, subjetividade coletiva, produção cultural, vida quotidiana, relações entre o eu e o outro. Junto a todas essas transformações, assiste-se paulatinamente ao colapso do Estado de bem-estar social e uma crescente sensação de insegurança.

A partir desses quadros, onde a ficção a que nos debruçamos e o “mundo real”, analisado por esses estudiosos das sociedades atuais, parecem de grande proximidade, especialmente no que tange aos aspectos brutais, cabem várias indagações: como nesses contextos é possível o convívio social? A

comunidade num mundo em ruínas ainda é possível? O que une as pessoas? Compreendemos que tanto a ficção quanto a realidade desenham situações de grande complexidade, cujo entendimento desenha-se como momentâneo e sujeito a objeções.

#### **4 A COMUNIDADE POSSÍVEL**

Quando a comunidade é atacada, somente Olamina e um casal de jovens como ela conseguem sobreviver, Zahra e Harry. Suas famílias foram assassinadas, os pais, as crianças, os idosos. As mulheres foram estupradas independente de suas idades e as casas foram saqueadas e incendiadas por pessoas sob efeito da droga que causava prazer com o fogo.

Os jovens saem pelas estradas repletas de situações perigosas, conhecem outras pessoas que vão se juntando a eles, pessoas que também sofreram inúmeras perdas e crueldades: Travis, Natividad e seu bebê, Taylor (um homem mais velho), duas irmãs, Allie e Jill, Justin de 3 anos, Emery e sua filha Tori (as mais miscigenadas do grupo, pai japonês, mãe negra, marido mexicano), Grayson e sua filha Doe. Eles permanecem juntos porque é a única forma de sobreviver, e, apesar de inicialmente não levarem a sério as ideias de Olamina sobre a formação de uma nova comunidade, denominada Semente da Terra, essas pessoas se unem a ela e passam a ter esperanças.

Olamina idealiza a formação dessa nova comunidade, apontando para a necessidade de ação, de força, de criatividade, de busca de novos horizontes, ela diz:

Teremos que tomar cuidado com o modo com que permitiremos que nossas necessidades nos moldem. Mas devemos ter terra arável, um fornecimento certo de água e liberdade suficiente para podermos nos estabelecer e crescer. (...) Poderíamos também oferecer educação e serviços de leitura e escrita a adultos analfabetos. (...) Tantas pessoas, adultos e crianças, são analfabetos hoje em dia... Talvez conseguíssemos fazer isso – cultivar nossos alimentos, prosperar para que nós e nossos vizinhos nos tornemos algo novo em folha. A semente da terra. (Butler, 2018, p. 277).

Apesar de todo o contexto, essas pessoas, lideradas por Olamina, precisam fazer planos, isso lhes dá esperança, lhes dá um tipo de segurança e a sensação de que não estão abandonados, perdidos e sós. Trata-se de uma tentativa de controle sobre o incontrolável, o futuro? Talvez, mas dificilmente os seres humanos em situações como essas abririam mão de tais crenças.

Zahra Moss, uma das sobreviventes do antigo bairro que acaba se tornando uma das primeiras seguidoras das ideias de Olamina, diz: “Não me importo com o espaço sideral. Pode ficar com essa parte. Mas se quiser criar uma espécie de comunidade na qual as pessoas cuidam umas das outras e não têm que enfrentar pressões, estou com você” (Butler, 2018, p. 276). O propósito de Olamina consiste em formar uma espécie de coletividade que fosse capaz de sobreviver de maneira autossustentável com pretensões de plantar seu próprio alimento numa terra que passaria a ser de uso dessa comunidade por se formar. Na análise dessa passagem podemos recorrer aos clássicos da



sociologia, destacaremos dois estudiosos que se dedicaram ao tema da comunidade: Ferdinand Tönnies e Émile Durkheim.

Tönnies (1995) fazia uma distinção por oposição entre comunidade (*gemeinschaft*) e sociedade (*gesellschaft*). Para Tönnies, a comunidade seria o lugar de um grupo homogêneo, coeso, demarcado espacialmente, cujo entendimento de suas regras sociais se daria de maneira tácita através de arranjos de parentesco, vizinhança e amizade. O contrário disso assumiria a forma da sociedade, ou seja, um espaço sem fronteiras delimitadas, baixa relação de coesão e de intimidade, o que levaria à intensificação da individualidade e da diferenciação de seus membros, cujas regras se dariam através do aumento dos contratos sociais. No entendimento desse autor, “a comunidade possui um entendimento tácito, ela se reconhece. É esse entendimento tácito que faz com que as pessoas permaneçam unidas apesar de todos os fatores que as separam” (Mocellim, 2011, p. 16). O impasse entre o que une e o que separa as pessoas é assim respondido pelo autor: “Enquanto na comunidade os homens permanecem essencialmente unidos, na sociedade eles estão separados, apesar de tudo que os une” (TÖNNIES, 1995, p. 252).

As noções de comunidade e sociedade entendidas por Tönnies apresentam ressonâncias nos conceitos de solidariedade orgânica e mecânica de Durkheim. Isso porque o trabalho como um fato social analisado por Durkheim apresenta uma função social que não se restringe à dimensão econômica como meio de subsistência, o trabalho é compreendido pelo autor como forma geral de solidariedade social, uma dádiva mútua.

Na solidariedade mecânica opera um direito coercitivo cujo propósito consiste em punir os indivíduos que agem contra as normas que regem o vínculo moral do grupo. Enquanto na solidariedade orgânica o direito que a rege é restitutivo, ou seja, uma infração moral não é meramente punida como exemplar porque há uma variedade maior de regras de organização social que caracterizam uma vida em sociedade e maior diferenciação dos membros que a compõem. Nessa acepção, uma comunidade opera uma solidariedade mecânica e uma sociedade opera uma solidariedade orgânica. Nota-se que, para esses autores, comunidade e sociedade são diferenciadas de acordo com o grau de complexidade que as caracterizam. Isto é, as comunidades seriam menos complexas em oposição ao conceito de sociedade. Bauman, por seu turno, afirma que, apesar de comumente definir-se comunidades de vida e destino, onde as pessoas vivem juntas numa espécie de ligação absoluta ou se fundem por ideias e princípios, é necessário reconhecer que o pertencimento a elas “(...) não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (2005, p.23).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Olamina argumenta sobre as dificuldades de viverem em determinado local de propriedade de um dos companheiros do grupo que se formou na estrada, afinal, não existem garantias seguras nessa

sociedade dizimada em todos os sentidos. Provisoriamente, eles parecem obter proteção nesse grupo familiar que foi criado na estrada e são necessárias medidas para se manter à distância os perigos. A necessidade de bem-estar, presente em todos nós, é condição que não é negada por Nietzsche, mas é preciso cautela, pois toda segurança vem acompanhada pela presença de um espírito dominador e da exigência de uma obediência.

Voltando a pensar com Nietzsche, vale refletir sobre a necessidade de uma comunidade, já que sempre estão envolvidos valores. A segurança exige obediência a eles. Seria necessário, como afirma Nietzsche, explicar melhor, investigar todas as tábuas de valores e quanto o “tu deves” embota nossa singularidade. O debate em torno do bem da maioria e o bem da minoria merece nossa atenção, é preciso indagar-se por que o primeiro sempre nos é apresentado como superior ao mesmo tempo que não problematiza o que significa dar à maioria o direito de afirmar a vida de uma determinada forma e em geral em função de uma narrativa salvacionista.

Olamina acredita que se todos trabalharem juntos e tomarem cuidados isso pode se tornar possível, construir uma nova comunidade. Ela afirma que suas chances são boas, o trabalho que farão será semelhante ao de jardinagem:

Tudo terá que ser feito à mão: adubação, irrigação, a retirada de ervas daninhas, a coleta de minhocas, insetos ou qualquer outra coisa das plantações, e teremos que matá-los um a um se for preciso. Quanto à água, se nosso poço ainda tem água agora, em outubro, acho que não precisamos nos preocupar com a falta dela. Não neste ano, pelo menos. E se as pessoas nos ameaçarem ou ameaçarem nossos cultivos, nós os mataremos. É isso. Nós os matamos ou elas nos matam. E se trabalharmos juntos, podemos nos defender e proteger as crianças. A primeira responsabilidade de uma comunidade é proteger suas crianças. (Butler, 2018, p. 398-399).

Olamina parece dizer a todos que, apesar dos acontecimentos trágicos, suas vidas têm que ser vividas. Ela fala sobre sementes, sobre as que ela tem em sua bolsa, sobre as que restaram na horta do terreno do companheiro, das que poderiam comprar e das sementes que poderiam ser colhidas das árvores: milho, pimentão, girassol, berinjela, melão, tomate, feijão e abóbora, ervilhas, cenouras, repolho, brócolis, moranga, cebola, aspargo, ervas, vários tipos de verduras carvalho, limão, pêssego, pera, nectarina, amêndoa, castanha. Por fim, lembramos de Judith Butler (2015, 2019), para quem uma vida necessita imprescindivelmente de outras vidas para continuar existindo, para se converter em uma vida vivível. Nessa acepção, responsabilidade ética também não é um ato isolado, a responsabilidade não é um valor absoluto, ela é relacional e coletiva porque somos interdependentes e potencialmente vulneráveis.

Ela finaliza a história contando:

(...) hoje, nós nos lembramos dos amigos e familiares que perdemos. Falamos nossas lembranças individuais e citamos passagens da Bíblia. Versículos da Semente da Terra e trechos de canções e de poemas que eram os preferidos dos vivos e dos mortos. (...) Então, enterramos nossos mortos e plantamos carvalhos. (..) Depois nós nos sentamos juntos,

Precisamos ainda pensar contra Nietzsche e além de Nietzsche conforme sugestão de Matteo (2010). Segundo o autor, é difícil pensar contra Nietzsche, afinal, “o filósofo teve a hombridade intelectual de apresentar ideias não como refutações das ideias alheias” (2010, p. 134), mas configurar um outro pensar perspectivo-experimental talvez inaugurando outros erros, contudo determinado a abandonar o horizonte da ilustração e do otimismo ingênuo.

Nietzsche em alguma medida reconhece a arrogância dos europeus a ponto de imaginar que todos os outros povos deveriam seguir esse modelo de civilização. Apesar disso, seu projeto filosófico seguiu afirmando a existência de uma comunidade dos raros e fortes, produzindo condições intransponíveis entre os ditos sãos e os doentes. Tal posição talvez seja oriunda de uma contestação por parte do filósofo do conceito de igualdade e universalidade, que na história sempre foram tentativas de anular as diferenças e desprezar as singularidades. Em nosso tempo esse abismo intransponível entre grupos e valores dependendo de seus valores merece talvez nossa atenção e em parte isso vem se consolidando quando também hoje seguimos contestando uma racionalidade ocidental pautada pela dominação. Podemos, inspirados por Nietzsche e sua perspectiva, seguir refletindo sobre cultura, vida e afirmação da força. Contudo, temos outros desafios e não repetiremos as prioridades do filósofo, mas teremos de ser também corajosos para não cair em armadilhas que estão à nossa espera.

E seria possível pensar além de Nietzsche como sugere Matteo? Parece que sim, pois o em torno da ética, dos valores, jamais finda e sempre nos confronta de novo solicitando outros modos de ser e pensar. Aprecio o encaminhamento sugerido por Matteo quando afirma:

Nos restaria aberta a possibilidade de arriscar outros caminhos como por ensaio e erro, criar outros arranjos de engenharia social, experimentar outras formas, franqueadas para quem quiser, de se tornar um *raro* ou *acaso feliz* sem que isso seja pago com o sofrimento alheio não consentido. (2010, p. 139).

Não nos cabe chorar pela morte de certas morais, mas nos alegrar com todas aquelas ainda possíveis apesar de saber que elas não nascerão sem conflitos e riscos. Para Matteo elas não virão apenas dos sãos, raros, nem dos doentes ou decadentes, mas “serão o esforço de uma racionalidade comunicativa a considerar os pluralismos culturais” (2010, p. 140).

Como diz Matteo, trata-se mesmo mais de uma aposta sem garantias de final feliz tanto para os indivíduos quanto para a espécie; de toda forma, trata-se da afirmação da vida que segue nos cobrando presença e imaginação. Afinal, queremos cultivar esse caminho? Nesses termos Butler e sua parábola parecem concordar em seguir esse caminho; afinal, uma “vida necessita imprescindivelmente de outras vidas para continuar existindo, para se converter em uma vida vivível”. Como já afirmado, a responsabilidade ética também não é um ato isolado, a responsabilidade não é um valor absoluto, ela

é relacional e coletiva porque somos interdependentes e potencialmente vulneráveis. Pensar com Nietzsche, contra ele e além dele nos leva de alguma forma a produzir outros encontros e reflexões talvez mais do que tudo inspirados pela coragem e probidade intelectual desse que foi o filósofo do martelo.

Nossa tarefa não é dar as mesmas marteladas, mas analisar e investigar quais hoje são imprescindíveis para apostar em um mundo onde seja possível o exercício da liberdade, pois apenas nesse terreno o espírito criador é possível. Quem teme a liberdade nunca é criador, e como diz Nietzsche a “primeira libertação está em libertar-se de si mesmo, uma luta imensa que travamos dentro de nós mesmos, contra todos os demônios, guardados por séculos e séculos, que se manifestam nos preconceitos ferozes” (Nietzsche, 2009, p. 17). Ainda enfatiza: “regras societárias são prescrições necessárias, de utilidade social, trazem o cunho de uma época. Não são imutáveis nem eternas, nem sobrenaturais, nem perfeitas, mas criadas por homens para regularem entre si as suas relações” (2009, p. 18). Podemos associar isso a própria Olamina, que parece dizer a todos que, apesar dos acontecimentos trágicos, suas vidas têm que ser vividas e precisam de regras societárias, necessárias, mas nunca eternas, por isso a metáfora da semente, precisamos sempre de novo cultivar, o que nos possibilita viver com o outro em terrenos mais férteis e livres.

Saar tem razão ao afirmar: “nós também precisamos, urgentemente, de uma transformação, mas uma transformação diferente daquela prometida pelos programas tradicionais, moderados ou radicais” (2021, p. 48). Em outras palavras, pode ser que ainda estejamos quase no mesmo ponto que Nietzsche. De fato, ainda precisamos fazer nascer um efetivo processo de transformação da sociedade sem se deixar capturar por promessas vazias e salvacionistas. Uma tarefa que jamais finda!



**REFERÊNCIAS**

- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRANDÃO, Caius. A questão do castigo sob o escrutínio da genealogia moral de Nietzsche. Revista Controvérsia, São Leopoldo, 4 de maio de 2018. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/14976>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.
- BUSSO, Gustavo. El enfoque de la vulnerabilidad social en el contexto latinoamericano: situación actual, opciones y desafíos para las políticas sociales a inicios del siglo XXI. Santiago, Chile: CEPAL, 2001.
- BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BUTLER, Judith. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BUTLER, Octavia E. Parábola do semeador. São Paulo: Morro Branco, 2018.
- CLARK, Maudemarie. A contribuição de Nietzsche para a ética. Dossiê “Nietzsche e as tradições morais”, parte II. Cad. Nietzsche, v. 38, n. 3, dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422017v3803mc>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: DURKHEIM, Émile. Durkheim. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).
- HARDT, L. S. Nietzsche educador e a afirmação da singularidade. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 17, n. 4, p. 2776-2793, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i4.16121. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16121>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- MATTEO, Vincenzo Di. Nietzsche, pensador da modernidade. Cadernos Nietzsche, n. 27, 2010.
- MOCELLIM, Alan Delazeri. A comunidade: da sociologia clássica à sociologia contemporânea. Plural, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 105-125, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. A genealogia da moral. São Paulo: Lafonte, 2020.
- SAAR, Martin. Para além da revolta: Nietzsche como pensador e crítico da transformação social. Estudos Nietzsche, Espírito Santo, v. 12, n. 2, p. 32-51, jul./dez. 2021.
- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade. In: MIRANDA, Orlando de. Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: EdUSP, 1995. p. 231-352.